

Meio	www.ver.pt
Título do artigo	As condições de trabalho dos nossos filhos
Secção	Opinião
Link	www.ver.pt/conteudos/ver_mais_Opiniao_Ana_Roque.aspx?docID=423

Na página de abertura de uma universidade canadiana vejo “O nosso objecto é ajudar os nossos alunos a conseguirem os seus objectivos” e fico a sonhar que gostaria de ver isso por cá, não numa universidade, mas mesmo num liceu que é por onde ficam a maioria dos nossos alunos.

Tenho andado a trabalhar num *workshop* onde, entre outras coisas, se aborda as condições de trabalho nas empresas e o que é que faz de uma empresa um bom local para trabalhar. Tinha acabado de ler os critérios do Great Place to Work:

1. **Credibilidade** (transparência)
2. **Respeito**
3. **Justiça**
4. **Orgulho**
5. **Camaradagem**

E de repente dei comigo a pensar nas condições de trabalho da minha filha na escola pública que frequenta, o Liceu Passos Manuel.

O edifício é bastante bonito, imponente mesmo, mas logo na primeira reunião de pais fiquei perplexa com o estado das paredes, das salas de aulas, com a tinta a cair, cinzentas, feias, sujas, num estado em que nunca vi nenhuma instituição pública, à excepção das da educação.

Se fosse uma escola particular, o mais natural depois daquela reunião era cada um dos pais retirar da escola os seus filhos, ou vermos alguém a desfazer-se em desculpas, mas como é uma escola pública que todos pagamos, enfim, há uma certa tolerância... Porquê? Porque quando é pago por todos não nos sentimos no direito de reclamar, porque finalmente não temos escolha.

Daniel Sampaio dizia num artigo que li há algum tempo, que o respeito das escolas pelos alunos (acho que era isso) também se via pelo estado das casas de banho. Eu não vi as casas de banho, só as salas, mas acho que dá para imaginar.

Mas não é só isso, independentemente do espaço físico, há tudo o resto, e quando olho para os cinco critérios: confiança, respeito, orgulho, justiça, credibilidade... não encontro quase nenhum.

Na reunião de professores, na qual participo na qualidade de delegada dos pais, todos os professores se queixam: “os alunos são impossíveis”, “não sabem trabalhar em grupo”, “chegam atrasados às aulas” e “com tempos de aula de 90 minutos uma vez por semana, não dá verdadeiramente para que aprendam e façam progressos”.

E eu saio de lá desolada, sem saber bem o que fazer, sem saber para que servem as reuniões de professores, assistidas pelo representante dos pais. Resolvo colocar a questão na reunião de pais que se segue e pedir aos pais que me dêem um contacto para podermos preparar a

Meio	www.ver.pt
Título do artigo	As condições de trabalho dos nossos filhos
Secção	Opinião
Link	www.ver.pt/conteudos/ver_mais_Opiniao_Ana_Roque.aspx?docID=423

reunião em conjunto, eventualmente propor estratégias. Dizem-me que as reuniões são um pró-forma e que efectivamente não servem para nada.

Desde o início do ano, que a minha filha se andava a queixar (ela mudou este ano para esta escola e é uma das melhores alunas da turma) e dizia que diariamente os colegas a insultavam. Não liguei demasiada importância.

Depois houve outra reunião de pais em que a directora de turma disse que tinha havido queixas de que os alunos mais antigos da escola estavam a tratar mal os novos alunos. Disse isso de modo vago e eu não liguei demasiada importância.

Quando cheguei a casa, a minha filha estava a chorar. Contou que tinha dito à directora de turma o que se passava e que a professora tinha dado uma reprimenda aos outros, dizendo à turma que ela se tinha queixado, e que desde aí as coisas tinham piorado.

Uns dias depois cheguei a casa e a minha filha estava de novo a chorar. Os colegas tinham-na agarrado e tinham-lhe cuspidos na cara.

Ela disse “Assim, como é que tu queres que eu tenha auto-estima” e eu fui dizendo, enquanto a abraçava, que a auto-estima depende de nós e não dos outros, sem me convencer sequer a mim própria.

Fui à escola, pedi para falar com a directora de turma, ela também estava desolada. “Nós não sabemos o que fazer” – respondeu – “não imagina como isto é duro também para os professores, alunos que faltam, com 15 e 16 anos no 8.º ano e nós sem podermos fazer nada.” Ficámos as duas a tentar pensar em estratégias... então as aulas de cidadania? “Não temos material sobre isso, se eu tivesse um filme sobre *bullying* podia-se abordar depois o tema...”

No Youtube, quando coloco como critério de pesquisa “*bullying*” aparecem-se mais de 23 mil entradas...

Voltando aos critérios do Great Place to Work:[1]

Credibilidade (Transparência na comunicação, coerência entre as palavras e os actos)

A comunicação nas escolas é francamente deficiente, quando vou aos sites das escolas raramente encontro informação que procuro, estratégias, metodologias... a informação para os pais é escassa, pelo menos nas escolas públicas.

Respeito (Disponibilização dos recursos e a formação, necessários à realização do seu trabalho)

Os cacifos estão com as portas abertas e as fechaduras arrebitadas, as salas, como disse, são escuras e descuidadas, os professores não dispõem de material-base para enfrentar os problemas do dia-a-dia.

Meio	www.ver.pt
Título do artigo	As condições de trabalho dos nossos filhos
Secção	Opinião
Link	www.ver.pt/conteudos/ver_mais_Opiniao_Ana_Roque.aspx?docID=423

Não se garante, ainda que eventualmente se promova, um ambiente de trabalho seguro e estável, aliás, soube de um caso de uma aluna que foi empurrada por colegas e que partiu os dentes e a quem a direcção da escola pediu para dizer que tinha caído, porque a violência não está coberta pelo seguro escolar.

Quando visito o site da colégio São João de Brito[2], onde quis pôr a minha filha mas onde naturalmente não tive vaga, vejo, por exemplo, no quadro de honra critérios que não se limitam às classificações “O Quadro de Honra tem como objectivo distinguir os alunos que se destacam em diversas áreas da sua formação humana, social e académica”.

Os critérios vão desde o companheirismo, o mérito desportivo, a participação e iniciativa, a aplicação e esforço, a capacidade criativa e sim, também há um prémio para o aproveitamento, mas tenta-se transmitir que há múltiplos aspectos que podem ser reconhecidos e valorizados na actuação humana.

E nada disso aparece nas escolas públicas. Com toda a pluralidade e diferença de contextos que existe nas escolas públicas, que mecanismos existem para mostrar às pessoas que têm valor, que são respeitadas e que podem conseguir os seus objectivos?

Na página de abertura de uma universidade canadiana vejo “O nosso objecto é ajudar os nossos alunos a conseguirem os seus objectivos” e fico a sonhar que gostaria de ver isso por cá, não numa universidade, mas mesmo num liceu que é por onde ficam a maioria dos nossos alunos.

Imparcialidade (Todos têm oportunidades iguais de reconhecimento)

Em princípio existe, mas da realidade não: há os que têm más notas e os que têm boas, os que têm um ambiente cultural e apoio em casa e os outros.

Orgulho e Camaradagem (Relação com o local de trabalho e entre os colegas)

Surgiram agora os *rankings*, a escola da minha filha nem aparece nas 100 melhores e depois, posso mudar? O que é que o Estado me garante, o que há para uma pessoa se poder orgulhar de uma escola?

Recentemente, por causa de uns papéis que tive de tratar, fui à Universidade Católica onde fui aluna e na secretaria perguntaram-me: já tem o seu e-mail e a sua página da universidade? Queremos que todos os nossos ex-alunos tenham. Quem foi da Católica é sempre da Católica, mesmo eu que nem terminei o curso e que saí em 1987.

Como é que se fomenta este espírito de pertença nas escolas públicas?

Como é que se garante não a camaradagem mas o respeito entre os alunos?

Meio	www.ver.pt
Título do artigo	As condições de trabalho dos nossos filhos
Secção	Opinião
Link	www.ver.pt/conteudos/ver_mais_Opiniao_Ana_Roque.aspx?docID=423

Já fui uma convicta defensora da escola pública, mas tenho vindo aos poucos a deixar de ser. Na primária tentei, fiquei desiludida e passei os meus filhos para o ensino privado. No 2.º Ciclo achei que era altura de irem para o ensino público e conviverem com todos e agora, francamente, se pudesse, colocava a minha filha no privado. É que a escola pública, muitas vezes, não é um *great place to work*.

Ana Roque é fundadora da INSPIRE, uma empresa cujo objectivo é promover o desenvolvimento sustentável através da comunicação.

[1] www.greatplacetowork.pt/great/dimensoes.php

[2] www.csjb.pt/criteriosQHonra.htm